



APRESENTAÇÃO

Prof.^a Dr.^a MARIA ESTELA DAL PAI FRANCO:

herança de um projeto humano e técnico

Esta reflexão é produto do trabalho de inteligência, sensibilidade e liderança exercida pela Professora Dr.^a Maria Estela Dal Pai Franco, especialmente na minha formação docente que, culmina neste momento, com a assunção do cargo de Vice-Reitora de Graduação da Universidade de Passo Fundo (UPF/RS), gestão 2014-2018. Claro deve ficar que a importância concedida a esse fato, não está centrada no fato em si, mas, na influência exercida pela então e sempre orientadora Professora Maria Estela. Orientações que sempre se recusaram a separar o comportamento individual do comportamento coletivo, considerando simultaneamente o orientando e os grupos ao qual ele pertencia.

Constituiu atividades orientadas para a facilitação da mudança individual e coletiva. Como diria Pagés (1982, p. 461), proporcionou um pluralismo expressivo; foi para além do rigor do pluralismo técnico-científico. Permitiu o diálogo espontâneo; aquele que “não elimina nem a consciência dos termos da escolha entre as diversas operações de comunicações possíveis, nem a própria escolha voluntária”. Uma metodologia de conduta de projeto segundo Boutinet (2002) que associou a pesquisa, extensão e responsabilidade social; que associou intimamente o indivíduo e os grupos, os recursos internos e externos de cada qual. Uma professora que se empenhou numa ação de mudança, interrogou a realidade social com todo o seu ser, tentando modificá-la com seus orientandos. Instigou para o conceito de relação, e, ousou dizer que ao longo de sua trajetória profissional, a professora Maria Estela desenvolveu com suas orientandas/grupos de estudo de forma especial a relação vivida entre homens. (PAGÉS, 1982).

Um modelo inspirador de um projeto técnico e humano: aquele que atravessa a dupla oposição entre o projeto de sociedade e o projeto individualizado; que mobiliza em cada mestrando(a) e doutorando(a), de modo bipolar, duas dimensões estruturantes do conceito de projeto que, mesmo antagônicos, quando tocados os seus pólos, podem revelar a manifestação de um projeto humano. Um projeto, na perspectiva de Boutinet (2002, p.284), “portador de singularidade e inventividade; quando ao contrário, há centralização exclusiva sobre uma

dimensão, até mesmo sobre um dos dois pólos dessa dimensão, estamos mais ainda em presença de um projeto mutilado que maltrata o espaço criativo que anunciava”.

Neste contexto cabe pontuar as premissas básicas de um projeto, especialmente a gestão da incerteza, singularidade e a exploração de oportunidades, e, se “o projeto é o apanágio da criatividade e da inventividade” como bem diz Boutinet (2002, p.285), convém testemunhar e registrar que a professora Dr.^a Maria Estela potencializou e desbloqueou nossa inventividade. Provocou evolução, desenvolvimento, amadurecimento, e, por conseguinte, inserção na gestão da educação superior.

Logo, a tarefa dessa reflexão consiste na relação deste resultado com o ofício de ser professor da educação superior na atualidade: vice-reitoria de graduação. Herança de um projeto técnico e humano chamado Maria Estela que se assenta na inovação radical e rejeita a inovação por obsolescência nos projetos e condutas de metodologias de projetos de seus orientandos. O registro se apodera da própria tese de doutorado defendida em meados de 2008 e, o tempo reitera o quão valoroso é quando um orientando é capaz de reconhecer os diferentes papéis que um orientador desempenha com e sobre sua vida profissional e consequentemente pessoal.

Por fim, um artigo que parte contrariando a hipótese de que a relação humana é um relacionamento instrumental. Sempre e de imediato ela é afetiva. Ela é uma sensibilidade ao outro. Longe de designar qualquer emoção especial, a reflexão revela o fundamento de todas as emoções. “Significam que o ser humano está em face dos outros em estado permanente de não-indiferença, de disponibilidade ou de receptividade”, conforme Pagés (1982, p. 301).

Do Projeto à Conduta de Projeto

Em resumo, se “a conveniente via de ingresso na compreensão do significado humano da tecnologia inicia-se com o exame da máquina, enquanto produção inventiva da inteligência humana, desde os primórdios de sua evolução “[...] na necessidade de projetar a máquina está a verdadeira origem dela”. (PINTO, 2005, p.54). Sob este prisma, é impossível adentrar nesta categoria conceitual sem alinhar teoricamente o termo projeto, ou, a faculdade de projetar, uma vez que esta é uma forma de ser essencialmente humana. E, se projetar é uma forma essencialmente humana, cabe enveredar na conduta de projeto.

Salienta Pinto (2005, p.55) que “o homem projeta de fato o seu ser mediante o trabalho efetivo de transformações de realidade material, tornando-se o outro que projeta ser em virtude de haver criado para si diferentes condições de vida e estabelecido novos vínculos

produtivos com as forças e substâncias da natureza.” Sendo assim, pela ação do homem, a realidade se povoa de produtos fabricados intencionalmente, através do ser que se tornou aquele que projeta. A arte ou a ação de projetar ancora-se na concepção de Boutinet. Não havendo nada equivalente a projeto quanto aos gregos antigos, o autor destaca:

O termo projeto surge de maneira regular no decorrer do século XV sob as formas de *pourjet* e *project*. Tem conotações de ordenação espacial e um vínculo com a etimologia latina do verbo *projicio* (lançar para frente, expulsar)... Apenas se impõe em seu sentido preciso atual, em meados de nosso século, após ter tido um uso flutuante até o século XIX. Assim encontramos a frase célebre de Pascal, a respeito de Montaigne, em seus Pensamentos: “o projeto absurdo que ele tem de se representar”. Também em Bernardin de Saint-Pierre, em Paulo e Virgínia, encontra-se a frase: “os projetos de prazeres, de repouso, de delícias, de abundância, de glória, não são feitos para o homem frágil, viajante e passageiro”. Nessas duas citações, projeto é simplesmente sinônimo de ideia, de perspectiva. No decorrer dos séculos XVII e XVIII, por exemplo, o projeto é, sobretudo assimilado pelo progresso social. (2002, p.34-35).

A potencialidade da sua significância está no fato de que o termo projeto é característico do tempo técnico. Aparece tardiamente e é reconhecido no final do século XVII. Estranho ao pensamento medieval, o projeto aparece no quattrocento¹² italiano através da criação arquitetônica e, provoca uma revolução na prática arquitetônica através de F. Brunelleschi. Este ao abandonar a escultura pela arquitetura, “pretende romper uma tradição herdada da Idade Média, a qual fazia do arquiteto o chefe de um conjunto de pessoas especializadas nos diversos trabalhos de um canteiro de obras e também o árbitro de conflitos intermináveis entre corpos de ofícios rivais”. (BOUTINET, 2002, p.35).

O arquiteto em voga separa a concepção arquitetônica de sua execução e ao separá-la introduz no trabalho do arquiteto uma nova racionalidade. Ato contínuo a Renascença italiana ao valorizar esta nova racionalidade instaura uma tradição que perdura até hoje; ela associa a razão ao projeto no seio da cultura do Iluminismo. Este movimento intelectual complexo do século XVIII foi, segundo Rouanet (1987, p.200), “o prelúdio à realidade tecno-social do mundo contemporâneo – a sociedade industrial de tipo liberal”.

O destino teórico do termo projeto aqui empregado se refere a sua historicidade, às formas e às orientações da ação que ele exerce sobre si mesmo pelo conhecimento. Caracteriza o século XV – Florença – marca os acontecimentos artísticos, literários e filosóficos que nele ocorreram, principalmente quando pintores e arquitetos formularam a primeira teorização da perspectiva e do seu significado para a engenharia: “Tornava possível a

geometria projetiva, como preparava o conceito de espaço sobre o qual se apoiaria a mecânica clássica”. (THUILLER, 1994, p.57).

No modelo cultural “a utilização do conceito de projeto traz novas atitudes epistemológicas”, assinala Boutinet (2002, p.148-149):

Trata-se de situá-lo em sua evolução finalizada, através do ou dos projetos que ele estabelece para si. Não se trata mais de analisar um sistema, mas de concebê-lo. Pois a nova epistemologia comanda a elaboração de modelos que nos permitem prever, isto é, definir projetos que possam ser encarnados por modelos possíveis: o objeto estudado é supostamente dotado de projeto, seja o objeto físico ou o objeto vivo, o objeto humano, ou ainda o objeto social.

Se, o projetante possibilita através de sua concepção novas atitudes epistemológicas e estas promovem a elaboração de modelos, reveste-se de significado o conceito esmiuçado por Pinto (2005, p. 59):

O projeto significa o relacionamento da ação a uma finalidade, em vista da qual são preparados e dispostos os meios necessários e convenientes. O conceito de projeto revela que o sistema nervoso superior só é capaz de concebê-lo quando supera o condicionamento hereditário imposto pelas estruturas invariáveis recebidas diretamente da natureza, tornando-se então fonte de outras formas de condicionamento, as que procedem do reflexo das coisas efetuado em suas células cerebrais, em íntimas ligações com o exercício da atividade em condições sociais. Esta análise mostra desde já o caráter necessariamente técnico de toda ação humana, pois agir significa um modo de ser ligado a alguma finalidade que o indivíduo se propõe cumprir.

Posto isso, fica claro que a concepção do autor confere dois novos elementos ao conceito de projeto: o primeiro diz respeito ao animal humano que condicionado a ação tenta da melhor forma possível prover as necessidades materiais prementes da espécie. E o segundo, evidencia a idéia de que o projeto está vinculado à origem da evolução biológica: é imperiosa no homem a busca de soluções vitais através de formas mais satisfatórias e mais elaboradas, do que os comportamentos instintivos primários. Grosso modo, temos um animal humanizado que se defronta a cada dia que passa com meios ambientes mais complexos e imprevisíveis que vão exigir dele cada vez mais, a faculdade de projetar.

Ora, os elementos teóricos expostos por Pinto (2005), nos remetem ao conceito de conduta de projeto desenvolvido por Boutinet (2002) e, invocados em forma de premissas básicas. Toda vez que o homem utiliza o projeto como princípio fundador de suas ações, ele lança mão de um procedimento por projeto; e, ao lançar mão de um projeto, ele está gerindo o projeto. Este por sua vez deve responsabilizar-se por quatro premissas básicas sem as quais não poderia haver procedimento por projeto. Além da situação a ser ordenada, essas quatro

premissas remetem aos próprios autores, na medida em que eles se pretendem voltados inevitavelmente a uma pesquisa de globalidade, de singularidade, de gestão da complexidade e de exploração de oportunidades, comenta Boutinet (2002).

Dentre as quatro premissas apontadas pelo autor, destacamos neste momento a gestão da complexidade e da incerteza. Se os ambientes atuais são, antes de tudo, ambientes complexos, entende o autor que o procedimento por projeto se mostra à ferramenta apropriada para gerir a complexidade e a incerteza. Uma situação simplificada não recorre ao projeto. Uma ação a ser gerida, cujos resultados são evidentes ou esperados, também não implica o recurso ao projeto. Todavia, “este último é destinado a administrar a indeterminação de uma situação problemática, feita da interdependência de vários parâmetros, exigindo que tal situação não seja impropriamente simplificada, mas ao contrário, tomada em toda a sua complexidade”. (Idem, p.235).

Pois bem, a gestão da complexidade vivenciada na elaboração e desenvolvimento do projeto de pesquisa de doutorado intitulado **Humanismo e Tecnologia nos Cursos de Engenharia Civil**, sob a maestria da Professora Maria Estela, foram cruciais para o exercício do cargo de Coordenadora do Curso de Psicologia no período de 2008/2010, de Diretora do IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas 2010/2014 e de Vice-Reitora de Graduação 2014/2018. Os insumos cognitivos e afetivos foram basilares para a gestão da complexidade. É preciso dizer que quando um gestor reconhece em si os temores e preocupações que lhe são próprios, torna-se menos alienado e encoraja-se a explorar sua origem nas relações que estabelece com tudo e com todos. A gestão da complexidade constitui uma tomada de consciência de si mesmo, uma espécie de nascimento individual, seguido de um sentimento de independização e autonomia, ainda que tudo e todos estejam revestidos de complexidade.

Na premissa da unicidade da elaboração e da realização do projeto, Boutinet salienta que o projeto traz em si mesmo uma exigência de globalidade. Através da unidade que liga a instância que elabora e a instância que executa não há separação entre essas duas instâncias nem dualidade de atores, mas simplesmente uma gestão dos desvios entre as atividades de concepção e as de realização. Dotar-se de um projeto e, no mesmo movimento, buscar construir e querer realizá-lo. (2002, p.234). Esta premissa nos remete a um dos tantos outros desafios empreendidos por Maria Estela aos seus orientandos!

Contribuir com o caráter profissional da formação docente norteadas pelas premissas básicas de uma conduta de projeto que traz elementos para pensar sobre construção e condução dos projetos dos cursos, bem como sobre o perfil dos professores gestores; sobre quais conhecimentos e atitudes empreender. Pela inovação radical desafiou os orientandos a

enamorar-se do conhecimento; e, que enamorar-se é mais produtivo do que ser seduzido pela novidade (inovação por obsolescência). Revelou que não se trata de uma programação da criatividade, senão de um enriquecimento dos processos perceptivos.

Segundo Boutinet (2002, p. 259), “passamos a largo de numerosas disponibilidades por não poder identificá-las.” Mas, com a professora Dr.^a Maria Estela Dal Pai Franco o orientando tem apenas uma possibilidade: identificar e explorar as numerosas disponibilidades que a educação superior e a vida oferecem.

Muito provavelmente a definição do homem como o ser transformador do mundo segundo Pinto (2005, p. 58), encontra aqui confirmação, pois o buscar construir e querer realizá-lo traduz o conceito autêntico do projeto: “ele é de caráter objetivo. O homem deseja realmente dar a si um novo modo de ser, mas percebe ser ilusório fazê-lo em pensamento, tendo de conquistá-lo pela modificação impressa à realidade a que pertence”. Estabelece então novas relações com o mundo, especialmente às condições de trabalho pelas quais concretizará o verdadeiro projeto humano.

Assim, entendo a extraordinária influência que um ser humano pode exercer sobre o outro; que um orientador pode exercer sobre o orientando; que um gestor pode exercer sobre o outro; que Maria Estela exerceu sobre mim.

O buscar construir e o querer realizar o projeto por parte da minha orientadora, proporcionou-me o caráter objetivo: o novo modo de ser se deu através da gestão. Destarte, o autor acrescenta que o resultado irá depender de numerosos fatores, que podem muito bem ser compreendidos sob a ótica de outra fundamental premissa sustentada por Boutinet (2002): a singularidade de uma situação a ser ordenada. O projeto segundo o autor, não pode fazer parte da categoria do universal. O projeto de homem, o projeto de vida será sempre uma perspectiva, uma ambição a reinventar, cada qual a seu modo, defrontando-se com um ambiente que tem, por sua vez, características próprias.

A premissa da singularidade de uma situação a ser ordenada se assenta na singularidade da professora Maria Estela. Observemos que não se trata de um estado, mas, de um movimento. Um olhar e compreensão de que a experiência fundamental é a da unidade paradoxal dos contrários. Uma unidade que não é obtida atenuando-se um dos termos, nem por simples justaposição, mas reordenando e descobrindo que cada um dos termos supõe o outro termo e sobre ele repousa.

Um projeto humano e técnico, em sua particularidade e singularidade, apresenta-se com uma história e intenções específicas dele, e enfrentará uma situação local também específica, sobrevivendo a uma época determinada. “Desse enfrentamento surgirá uma resposta

portadora de um fato inédito que leva a uma criação original, a uma realização cuja autenticidade vem do fato de ser fruto de um autor localizado às voltas com uma situação dada” (idem, p.235). A partir deste contexto, é possível presumir segundo Pinto (2005, p. 61), que “no homem a ideia a que se vai condicionar é um projeto, de origem interna, buscando realizar-se na ação efetiva, na qual se corporifica seu significado”.

Uma última premissa se impõe: a importância da exploração de oportunidades em um ambiente aberto. Esta premissa solicita um novo olhar para esse ambiente. “Há algo a fazer, algo a ordenar, mudar aquilo que poderá ser feito, ordenado ou mudado por uma ação deliberada que deve ser antecipada o melhor possível”. (BOUTINET, 2002, p. 236). Um desempenho humano que na sua práxis, coincide com a técnica dirá Pinto (2005, p. 59). Nesta perspectiva, efetivamente poderá haver projetos, pois, neste caso, haverá a função analítica do reflexo do objeto no órgão receptivo, periférico ou central. Somente formas superiores de reflexos poderão ordenar o curso de uma ação deliberada que por sua vez deve ser antecipado o melhor possível. O entrelaçamento destas concepções em nível de premissas nos remete a gestão de conduta de projeto apresentada por Boutinet (2002). Na perspectiva teórica do autor, a conduta de projeto passa necessariamente pela gestão dos desvios:

Esta gestão põe em prática o projeto através da realização de todas as etapas planejadas. Pôr em prática implica continuamente a gestão dos desvios entre o que é projetado e o que é realizado; os imprevistos a serem enfrentados, os obstáculos a serem superados, as decisões oportunas a serem tomadas: a prática conserva sua autonomia, deixando-se inspirar pela teoria do projeto. Gerir os desvios consiste, antes de mais nada, em reconhecer essa autonomia da prática, em tolerar que inúmeros imponderáveis venham transtornar um jogo de previsões muito bem regulado. (idem, 2002, p. 242).

A autonomia da prática da gestão das orientações da Professora Maria Estela exigiram alto nível de desenvolvimento de competências técnicas e comportamentais/interpessoais; a autonomia exigiu planejamento e resultados. A gestão dos desvios entre o que é projetado e realizado constituiu-se em grande desafio para orientador e orientando. O instigado não consistia em reduzir os desvios a toda a hora, senão em definir os desvios toleráveis no projeto humano e técnico com inovação. Foi uma aprendizagem de solidariedade, de produção do conhecimento; de preparo para a gestão.

Inovação Radical e Inovação por Obsolescência de um Projeto

É pertinente a linha teórica apresentada por Boutinet (2002), quando infere que temos à nossa disposição uma diversidade de métodos capazes de enriquecer nossos procedimentos criativos. Infelizmente, essa diversidade de métodos e, na maior parte do tempo, reduzida a um único modo emergente, aquele do projeto-inovação para dar conta das mudanças observadas. As culturas industriais e pós-industriais nos levam cada vez mais para uma busca obstinada e obsessiva de novidade, através de uma destruição criadora que leva à obsolescência a fim de garantir mais progresso e crescimento.

Para o autor, esta busca da novidade assume duas formas características: a inovação radical e a inovação por incremento. Somente a primeira – a inovação radical, apesar dos problemas que pode suscitar, possui as características da invenção duradoura através da colocação em evidência de um inédito técnico ou social. A segunda – inovação por incremento ou obsolescência, não passa da reorganização do que já existe sob uma forma diferente, mas não essencial, explica Boutinet (2002, p. 286):

As condutas de projeto, em sua grande diversidade, mostram-se exclusivamente associadas há várias décadas a mecanismos de inovação por incremento aos quais se recorre para conjurar a rotina e a repetição. Tais mecanismos visam produzir o novo, o inédito, pelo simples contraste com o já existente, acarretando sua fragilização e, portanto, levando nossos projetos, nossos dispositivos técnicos, nossas realizações a uma obsolescência generalizada. A inovação-obsolescência tende, em uma lógica da descontinuidade e da irreversibilidade, a apagar o que procede para melhor se deixar varrer pelo que segue; um grande número de projetos perde sua credibilidade, na medida em que são organizados em torno desta inovação por incremento, que privilegia mais a novidade do que a inventividade.

Ao que tudo indica, nós nos comportamos como se todas as possibilidades se oferecessem momentaneamente a nós com as mesmas capacidades de inventividade. A inovação por incremento ou por obsolescência é uma variante dos tempos atuais, e, serve para regular a esfera técnico-econômica em uma cultura industrial liberal; assistimos a uma simples transferência da esfera técnica à esfera existencial. Quando a inovação técnica é pensada sobre um modo por incremento – obsolecente – pode levantar questões sobre a legitimidade que a fundamenta e contaminar a concepção da inovação técnica à inovação social revelando-se de forma abusiva e problemática nas reformas curriculares por exemplo. Muitas delas ilustram o acúmulo de medidas inovadoras ineficazes sobre sua forma por incremento.

Neste contexto cabe observar os efeitos do modelo inspirador e de influência de Maria Estela. A inovação no projeto sempre foi pensada a partir da inovação social; propõe a reintegração da dimensão histórica tanto do projeto existencial quanto técnico nos projetos

humanos. Tratou de não pensar os projetos através da categoria da obsolescência, que desvaloriza a forma técnica atual suplantada por um novo avanço. A novidade pela novidade, mas, a colocação em evidência de um inédito técnico ou social. A materialização de uma metodologia de conduta de projeto comprometida com um projeto humano e técnico. Ao ordenar-se e articular-se o transitório, e nele, o passado e o presente, à sua maneira, revela-se a dimensão processual de nossa condição humana.

Como bem lembra Pinto (2005, p.149): “o homem, dentre todos os seres vivos, é o único a produzir sua existência. Fazendo-a livremente, graças à escolha consciente dos meios a empregar, dos caminhos a seguir, está obrigado a inventar. Aparece aqui à técnica, o recurso de que tem de se valer e os modos de aproveitá-lo”.

Observa-se que o animal humano – o homem, ao inventar se insinua em difícil terreno, onde se exige perspicácia, agudeza de visão e de criação para caminhar. Uma lógica que parece inspirar um homem na condição de projeto humano e técnico. Sua posição teórica encontra ressonância nas concepções teóricas de Serres (2003), que acredita que construímos nosso corpo por meio de produtos de nosso corpo, uma vez que os objetos técnicos a eles se assemelham. Trata-se de um processo de auto-hominização, ou seja, nós mesmos nos construímos. A hominização assemelha-se menos a uma evolução vital do que a uma produção propriamente dita.

Maria Estela Dal Pai Franco é um Projeto Humano e Técnico cuja perspicácia, agudeza de visão e de criação para caminhar permitiu e exigiu o meu caminhar. Livremente escolhi caminhar; feliz, continuarei a caminhar inspirada na sua condição de projeto humano e técnico. Trata-se de uma herança. Hoje, inteiramente nova em um pouco mais de meio século de vida, meu corpo passa a exigir coisas novas: saúde, segurança, vida longa, alimentação sem risco, etc.

Nesta perspectiva, de posse do fio condutor desta reflexão, é possível afirmar que o homem é capaz de projetar-se humana e tecnicamente; na sua capacidade produtiva define a sua subjetividade e seus atos. O projeto humano e técnico encontra-se numa contradição permanente, pois, embora o homem disponha de todas as possibilidades para resolver esta contradição por via de produção, poderá resolvê-la pelo caminho do consumo.

A sua capacidade de projetar segundo Pinto (2005), é o que fará a diferença; a capacidade de projetar da Professora Maria Estela Dal Pai Franco fez toda a diferença para comigo. A sua capacidade de projetar implicou em uma conduta de projeto que se consubstanciou nas premissas já exaustivamente delineadas por Boutinet (2002): unicidade da elaboração e da realização do projeto, singularidade de uma situação a ser ordenada, gestão da

complexidade e da incerteza, exploração de oportunidades em um ambiente aberto. Herança de um projeto humano e técnico.

REFERÊNCIAS

BOUTINET, Jean-Pierre. **Antropologia do projeto**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAGÈS, Max. **A Vida afetiva dos grupos**: esboço de uma teoria da relação humana. Tradução de Luíza L. Leite Ribeiro. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

THUILLIER, Pierre. **De Arquimedes a Einstein**: a face oculta da invenção científica. Tradução de Maria Inês Duque -Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

PINTO, Alvaro Vieira. **O conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. I - II.

Rosani Sgari¹

Selbach, julho de 2014.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Vice-Reitora de Graduação da Universidade de Passo Fundo (UPF). Pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UPF). E-mail: rosani@upf.br.